

Cidades e Serviços

Sarney condena agitadores e demagogos

Esta é a íntegra do discurso do presidente José Sarney:

É com grande emoção, com redobrada alegria, que mais uma vez visito o meu querido Nordeste. Como disse o ministro João Alves, só no Nordeste poderia acontecer que ele, um filho de canoeiro, Valadares, um filho de plantador de algodão, e Sarney, um filho de uma retirante de Torres, em Pernambuco, que foi para o Maranhão, poderiam apresentar-se neste palanque como governador, como ministro e como presidente da República.

O Nordeste é sempre, para mim, uma motivação constante e uma fidelidade que não se pode acabar, porque aqui estão plantadas as minhas raízes mais definitivas, que são aquelas raízes que quando se abre os olhos se vê a terra e o sol onde nasceu e onde está vinculado o seu destino.

Aqui estou, nesta terra de Sergipe, um grande Estado num pequeno território, terra que tem dado grandes homens ao nosso país, grandes inteligências, homens definitivos na história do nosso pensamento, como Tobias Barreto, como Silvio Romero, como Gilberto Amado, e como tantos outros. Sergipe, que pode ser apresentado ao Brasil como modelo de um povo que luta com dificuldades, mas que tem a coragem de trabalhar e vencer as dificuldades, construindo um grande futuro.

Aqui estou para lançar o Projeto Padre Cícero. Quando o ministro João Alves me trouxe o arcabouço de um projeto que nós desejávamos como mais um instrumento à disposição do Nordeste, para lutar em favor dos pequenos, ele me deu o nome de Vida Nova. E eu lhe disse: "Não, ministro, nós vamos colocar o nome do Padre Cícero". "Por que Padre Cícero num projeto de administração?". Eu disse: "Porque o Padre Cícero era um homem que no Nordeste, nos seus conselhos e nas suas profecias, aconselhava aquilo que era possível fazer e não aquilo que não era possível fazer. Ele aconselhava as coisas pequenas e as coisas simples. Por isso, se o projeto é destinado aos pequenos, tem que ter o nome do Padre Cícero, que via os pequenos.

Portanto, esse projeto visa a atender cerca de 12 milhões de nordestinos. E como não quero que minha memória seja traída pelos números, eu

vou dizer o que ele representa: 270 mil cisternas individuais em pequenas propriedades de até 50 hectares, porque nós sabemos que no Nordeste 75% da produção é oriunda de propriedades de até 50 hectares; nós vamos fazer 25 mil poços, sendo 15 mil tubulares e 10 mil poços amazons — onde não tiver água nós vamos buscar água de onde ela puder vir e faremos 4 mil quilômetros de adutoras. Vamos fazer açudes comunitários com capacidade entre 50 mil e 150 mil metros cúbicos. Vamos fazer 5 mil unidades de casas de microempresas, entre elas casas de farinha. Vamos fazer plantel para as pequenas propriedades e animais de pequeno porte. Vamos reforestar 125 mil hectares com algaroba. Vamos fazer lavanderias comunitárias, cerca de 5 mil unidades. Vamos gastar um bilhão de dólares, vamos beneficiar cerca de 2 milhões de famílias e uma população de 11.860.000 nordestinos. Vamos beneficiar cerca de 30 mil pequenas comunidades, isto é, povoados, e beneficiar 250 mil propriedades.

O que nós desejamos com esse projeto é fazer uma coisa simples, é fazer com que o homem do Nordeste tenha condições de sobreviver à seca, tenha condições de ser atendido nas coisas mais elementares de que ele precisa para que possa resistir à estiagem. Não é um projeto que tenha uma visão grandiosa para não ser feito, mas é um projeto com os pés no chão, para realizar aquilo que pode ser feito. Eu agora olhei no caminho do Cumbre. Várias propriedades à margem da estrada já com as cisternas construídas. Já olhamos o primeiro conjunto didático: do poço tubular, da cisterna, da casa de farinha, dos animais de pequeno porte. E assim nós vamos ver dentro de alguns anos nenhuma pequena propriedade do Nordeste sem ter a sua própria condição de acumulação d'água. Esses projetos sociais, que estou lançando no governo, são projetos que atingem grandes áreas da população, mas atingem a população mais pobre. Por isso não têm a visibilidade das manchetes diárias. Mas eles vão penetrando, vão ajudando, vão melhorando a vida daqueles que mais precisam. Daí a minha luta de 'tudo pelo social'. O projeto da distribuição das cestas alimentares, o projeto de distribuição de leite, o projeto das creches, o projeto da melhoria assistencial, o projeto de assistência à gestante, os

projetos desenvolvidos pela Pronav, os projetos desenvolvidos como o do Bom Menino, e agora, aqui no Nordeste, o Projeto São Vicente, o PAP, que é o Projeto Nordestão, e agora, o Projeto Padre Cícero. Nenhum presidente que vier depois de mim terá a coragem de parar um projeto desses.

Pela primeira vez no Brasil se olha pelo social, se olha para aqueles que não têm defensores, aqueles que não têm lobby junto ao governo, aqueles que são esquecidos nas decisões, mas que são alvo dos projetos sociais que estão sendo desenvolvidos e que vão continuar tempo a tempo, e eu tenho certeza de que eles vão atingir no futuro o seu objetivo de resgatar a dívida social, e terei a felicidade de lembrar que eles foram começados no governo de um presidente nordestino, José Sarney.

Nordeste: eu preciso ainda que o Brasil tenha uma consciência de que o problema fundamental deste País ainda continua sendo o problema nordestino. O Brasil ainda não tem uma consciência mais profunda desse problema. Eu posso dizer isso e tive o testemunho, há pouco tempo, como não há consciência dos problemas do Nordeste e do que é o Nordeste. A burocracia, este monstro que o Brasil tem, funciona independente da vontade dos governantes. Ela tem uma mobilidade própria. Ela tem os seus próprios tentáculos.

Ontem me levaram um projeto para que eu tivesse que reduzir despesas. Pois bem, dentro desse projeto, o que era metade dele? Fechar a Companhia de Tubulação do Nordeste, fechar a Companhia de Colonização do Nordeste, fechar a Companhia de Artesanato do Nordeste, que ajuda os pequenos artesãos, o que não custa nada para o Brasil. Fechar o Departamento Nacional de Obras e Saneamento, que é um órgão que há 78 anos cuida da agudagem da seca na região toda do Nordeste. Acabar com os incentivos do Dnocs. Acabar com os incentivos da Sudene e da Sudam. Tirar os incentivos do Banco do Nordeste e do Banco da Amazônia. E se não tivesse um presidente do Nordeste na Presidência da República, isto teria sido feito.

Portanto, é preciso que no Brasil, e eu como presidente da República proclamo isso, tenhamos uma consciência mais profunda do que é este

sofrido Nordeste, este grande Nordeste. Este grande povo que tem dado ao Brasil mão-de-obra, inteligência, riqueza, e que tem o problema periódico das secas, que como já foi dito aqui, e eu tenho repetido sempre isso algumas vezes, não é um fenômeno climático; a seca é um fenômeno sociológico, porque no Saara não chove porque não tem gente, e ela não significa nada. Aqui é porque tem o homem, e como nós temos que conviver com a seca, devemos dar ao nosso homem condições dele ficar fixado ao nosso solo sem ter de abandoná-lo para ir sofrer nas grandes cidades, que hoje sofrem de uma inchação que é um dos piores problemas que o Brasil tem. Sofrem as grandes cidades, sofrem os homens que daqui saem. Por isso o nosso desejo de estabelecer programas simples que possam fixar o homem do Nordeste ao seu próprio solo.

Escolhi Simão Dias, em Sergipe, porque era a terra do ministro João Alves, esse ministro que fez um grande governo, que tem os pés no chão, que conhece os problemas do Nordeste e também conhece os problemas que o Brasil tem. E em seguida escolhi Simão Dias porque é terra do nosso governador Valadares, e, ao mesmo tempo, é uma cidade representativa desse alto sertão, daquilo que é a região semi-árida, e daquilo que é o trabalho do nosso povo para transformá-la, a cada dia, numa fonte de vida. E, portanto, nós estamos aqui em Simão Dias lançando para o Brasil este grande projeto que vai continuar a ir por muito e muito tempo.

Mas não é também, por parte do presidente, senão a manifestação daquilo que ele tem procurado fazer. Eu tenho procurado valorizar o interior do Brasil, muitas vezes esquecido. Eu tenho ido a cidades e regiões onde nenhum outro presidente da República pensou ir. Se falarmos no Paraná, eu fui adiante de Londrina, um pequeno vilarejo, para lá inaugurar uma linha de energia rural. Se falarmos em São Paulo, eu fui a Lençóis, com Orígenes Lessa, lá na inauguração da sua biblioteca. Eu fui a Morungaba, uma pequena cidade, para lá inaugurarmos, com o ministro Antônio Carlos, uma grande estação de rastreamento de satélites, que duplicou a capacidade do Brasil em matéria de DDD, e, ao mesmo tempo, de lá nós falamos com São Gabriel da Cachoeira,

lá no Alto Amazonas, nas nossas fronteiras, pequena cidade perdida na selva, onde eu estive, onde também fui visitar o povo da Amazônia. Estive em Vila Bitencourt, dormindo às margens da nossa fronteira com a Colômbia. Estive em Oiapoque, em Clevelândia, estive em Juazeiro, em Petrolina, estive em Sobradinho, estive em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, na Chapada do Apodi. Estive na Paraíba, no Brejo das Freiras e no Açude do Arroz.

Enfim, eu não vou relatar, mas tenho procurado, como também fiz em Goiás, no interior de Goiás, valorizar o interior, visitando os homens do interior, também para que eles possam dividir com o presidente da República as suas responsabilidades em relação ao nosso País.

Este povo sofrido do Brasil, do Nordeste, que tem, além da seca aqui no Nordeste, três outros problemas mais graves do que a seca, que são o demagogo, o agitador e o especulador. O demagogo, que vem pregar soluções fáceis para problemas difíceis, vem dizer que tudo é possível do dia para a noite ser resolvido. O agitador, que vem inocular o ódio, a revolta em cada um de vocês com o coração já sofrido, para que vocês passem a vida amargurados, porque não há nada pior para o homem do que o ressentimento. E o especulador, aquele que, vendo as dificuldades do Brasil, econômicas, procuram explorar todo o mundo e explorar os mais pobres.

Pois bem, nós temos enfrentado tudo isso, temos enfrentado e lutado, vamos continuar enfrentando e o Brasil vai vencer. Este é um País em que ninguém pode temer o futuro. Portanto, eu posso, aqui em Simão Dias, depois de louvar e agradecer ao nosso governador Valadares o trabalho que ele vem fazendo, dizer que eu continuarei a ajudá-lo. Vamos fazer o porto que nós começamos. Vamos continuar para que ele possa resolver os problemas de saúde. Se no ano passado ele recebeu um bilhão e trezentos, esse ano ele vai receber o dobro para empregar na saúde do povo de Sergipe. Vamos iniciar e desenvolver o Programa Padre Cícero aqui das comunidades rurais. Mas, intercalando esses agradecimentos ao nosso governador, eu quero dizer aqui, no princípio deste ano, que nós, brasileiros, vamos começar este ano de 88 olhando o Brasil com fé, com esperança e com certeza, porque este é um País

que não tem medo do futuro. Este é um País que tem um grande futuro. Este é um País que não pode ficar na mão nem dos demagogos, nem dos agiotas, nem dos especuladores. Este é um País que resiste, tem resistido a tudo, que vai continuar a sua grande caminhada para ser um dos grandes países do mundo. Ele não vai se truncar nos caminhos tortuosos da História. Ele vai realmente ocupar o seu lugar. Quem não for otimista não ouça os meus programas no rádio, nem as minhas palavras na televisão, nem as minhas falas nas praças públicas, porque eu sou um brasileiro que acredita no Brasil.

A crise econômica, que não é nossa, é do mundo inteiro, no ano passado abalou até as bolsas de valores, que eram inexpugnáveis montanhas de resistência, de Nova York, de Tóquio, de Londres, de Paris, que varreu o mundo inteiro. Pois ela aqui no Brasil não foi capaz de fazer com que entrássemos na recessão. Continuamos crescendo. O Brasil cresceu no ano passado. Continuamos a aumentar o número de empregos e lutar contra uma orquestrada onda que cria uma mensagem pessimista no Brasil, que é uma maneira política de criar no povo uma descrença no País, para poder tentar ocupar exclusivamente o poder por interesse, que não são os interesses do povo brasileiro.

Pois bem, nós terminamos o ano, que não foi um ano bom, com a maior safra agrícola da História do Brasil: 65 milhões de toneladas. E este ano nós vamos produzir mais a despeito desses pessimistas, a despeito dessas vozes que querem que o Brasil pare para que eles caminhem, eles avancem, porque querem avançar sobre o terreno das nossas dificuldades, das nossas desesperanças, dos nossos sacrifícios. Portanto, esta é a mensagem que eu podia deixar nesta noite ao povo de Simão Dias, ao povo brasileiro, ao povo nordestino. É a mensagem de confiança. Não é o presidente que faz o País. Quem faz o País é o seu povo. Portanto, não é o presidente que faz o Brasil, quem faz o Brasil é o povo brasileiro.

E, para terminar, eu peço a Santana, padroeira da terra, que, como ela ensinou Nossa Senhora, ela ensine o povo brasileiro a vencer o pessimismo e implantar a certeza e a esperança no seu coração.

Muito obrigado".